

## **As Asas da Razão**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

*As dúvidas são mais cruéis do que a pior das verdades. - Molière*

A memória não ajuda, mas acho que foi Rachel de Queiroz que manteve – na antiga revista O Cruzeiro – durante alguns anos, uma seção semanal em que mostrava que quase tudo, na vida, podia ser visto sob 2 pontos de vista diametralmente opostos, como as asas de uma xícara... Acho que a seção se chamava As Asas da Razão.

Tudo começou com um e-mail que recebi de um amigo, que continha uma idéia simples: já que todo mundo, hoje, tem telefone celular, que se colocasse, como primeiro número, na letra A, um número a chamar em caso de emergência, acidente, etc. Assim, se V. fosse atropelado, rolasse a escada, perdesse os sentidos ou tivesse outro piripaque qualquer, quem o estivesse socorrendo poderia ligar para sua mulher, seu chefe, sua mãe ou namorada. Lógico e sensato. Corrigi uns errinhos de português e repassei a todos os meus amigos.

Logo no dia seguinte, recebi uma mensagem discordante e indignada de outro amigo, a quem prezo muito, tão bem defendida, que me arrependi imediatamente do que havia feito na véspera. Escreveu o meu amigo: é uma idéia extremamente perigosa! Os bandidos desenvolveram um novo golpe, que consiste exatamente em roubar um celular e, valendo-se das informações que estão na agenda do aparelho, ligam para avisar que a pessoa está seqüestrada e exigir resgate. A polícia sugere às pessoas que evitem colocar nos seus celulares informações pessoais para não dar aos bandidos a chance de falar com o pai, mãe, irmão do dono do celular, justamente as pessoas mais suscetíveis de cair neste golpe, tomadas de emoção e medo...

Tomado de medo e emoção, eu é que me apressei em mandar um novo e-mail a todos os meus amigos (meus e-mails NÃO revelam quem são os meus amigos, está tudo em código!), alertando-os para a nova possibilidade, de que uma inocente precaução com a própria segurança poderia ser o caminho para incontáveis seqüestros e outros tantos homicídios. Minha advogada sugeriu que – para evitar processos - escrevesse, no final da mensagem: decida V. mesmo o que fazer.

Compreensivelmente, implantou-se um processo de dissonância cognitiva entre os meus amigos. E descobri que, no Brasil, são muitas – e surpreendentes – as asas da razão.

LC respondeu: sua intenção foi a melhor possível; mas parece que as coisas andam daquele jeito – se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. AA deu uma gozada: isso é para V. aprender a não ficar perdendo tempo repassando todos os e-mails que recebe. LP tentou ajudar: depende de quem recebe a ameaça; lá em casa, quando eu e minha mulher atendemos, nem damos bola, um dia a babá folguista atendeu e foi um caos, até se convencer que era um golpe, ficou horas tomando água com açúcar. JG que mora em Tóquio escreveu: aqui no Japão é uma ótima idéia e ponto. Ninguém pensa em seqüestrar ninguém. LC de S. Paulo explicou: eu já resolvi o problema há muito tempo; sempre que me pedem essas informações, como no aeroporto, naquele macabro pedido do finado DAC, sobre o parente a avisar, eu dou um número maluco e escrevo o nome do Papai Noel...

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=75&ID=450>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**